



Chrys Chrystello\*

## O natal dos pobres (1950-1970)

Já o disse e torno a repetir, o meu Natal das recordações de infância é diferente destes atuais e por mais voltas que lhes dê nunca mais será mágico como dantes.

O Natal era a festa dos bolos, doces minhotos e transmontanos (aletria, sopa dourada, filhós, formigos), do excretável polvo acompanhado de arroz e dum segundo prato de bacalhau com todos, cozido na noite de consoada, acompanhado dos seus típicos vegetais (pelo menos dois ou três tipos de couves) e das batatas cozidas com cenoura, cebola e ovo. Era o tempo dos presentes no sapatinho, um presépio com musgo autêntico (agora é proibido apanhá-lo, dá direito a multa e tudo), um pinheiro que se ia buscar nem eu sei onde, mas que era autêntico (ainda não havia movimentos ecologistas nessa época) e que me lembra, pelo menos uma vez, veio ao pé de Santo Tirso (Negrelos). As velas eram verdadeiras e as bolas da árvore de Natal eram poucas e caras. Era a festa do nascimento do Menino Jesus, Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.

Era também a festa dos pobres pois vivia-se na era da caridadezinha cristã que o Estado Novo incentivava. Eles até nem faziam grande festa, mas os ricos e os remedados, como nós, dedicavam alguns minutos do seu precioso tempo a pensar neles e a dar-lhes alguma atenção, nuns mimos que a criada (ainda se não chamavam empregadas domésticas na época) ia entregar com uns tostões mais do que era habitual. Lembro que devia haver muitos pobres pois era um constante rodopio de gente a bater a partir de dezembro, normalmente pela hora do jantar, “desejando a Bossência e excentíssima família Boas Festas e um Próspero Ano Novo”. Havia muitos com uns cartões de Natal impressos prontamente para a ocasião que depois se juntavam num monte para vermos a quem se tinha ajudado: o carteiro, os homens do lixo (então chamados lixeiros), os canteiros, o guarda-noturno, os homens da água (eram os SMAS nessa época), da eletricidade pré-EDP, dos jardineiros da Câmara, dos bombeiros, dos limpa-chaminés, dos varredores de rua e o mais que me não lembro. Esses desprotegidos ainda não tinham subsídio de Natal e dependiam da bondade alheia para se darem ao luxo de celebrar o Santo Natal.

Havia também os outros, os “habitues”, os pobres de pedir, regulares visitantes da nossa aldraba de porta, que nessa época tinham também um “mimo” extra, fosse uma “rabana-

da” ou uma sopa quentinha. Nessa época abria-se sempre a porta quando alguém tocava pois não se tinham inventado os olhos mágicos que deixam de fora quem se não quer receber. Os “nossos” pobres tinham dias certos para virem receber a esmola certa como quem vai receber o seu soldo ao fim dumha semana de labuta. Era importante para nós crianças vermos que havia desprotegidos, aqueles a quem a sorte não tocou, e para quem estranhamente ou, melhor dizendo, infantilmente nos interrogávamos porque é que a sorte lhes era madrasta. Eram todos servilmente submissos, educados e atenciosos, sempre de chapéu na mão (aqueles que ainda o usavam) a pedir “por alminha de quem lá tem, meu rico menino” ou qualquer outra frase do género, que sempre me impressionava. Sentia-me feliz quando me era permitido entregar essa oferenda minúscula dumas moedas que faziam sorrir essa velha cara, a retirar-se às arreias, de chapéu na mão, dizendo “Bem-haja, muita saudinha para si e para os seus”. As criadas impantes na sua superioridade de assalariadas a viverem sob um teto confortável desprezavam estas criaturas e agora sei que era por temor de um dia se poderem inverter os papéis.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713  
MEEA-AJA (IFJ)



## Mensagem de Natal do Serviço Diocesano para a Pastoral Social

O Serviço Diocesano para a Pastoral Social, ciente da reflexão que o Natal de Jesus propicia aos homens de boa vontade e aos cristãos em particular, entende dever partilhar com eles as suas preocupações sobre situações que tardam em encontrar caminhos de justiça e de paz e apelar ao seu empenhamento constante, solidário e eficaz.

O apelo vem do Presépio que, segundo Leão XIV, “lembra que Deus se aproxima da humanidade, torna-se um de nós, entrando na nossa história com a pequenez de uma criança. Na pobreza do estábulo de Belém, contemplamos um mistério de humildade e amor.”

A notícia anunciada aos pastores tem uma carga muito forte porque define a missão do Messias anunciado: “Trago-vos uma notícia muito feliz que se destina a toda a gente! Esta noite, em Belém, na Cidade de David, nasceu o Salvador. Sim, o Cristo, o Senhor! (...)”<sup>13</sup> E de repente, juntou-se outro grande grupo de anjos, louvando a Deus: “Glória ao Senhor, nos mais altos céus!

Paz na Terra aos homens a quem Deus quer bem!”<sup>14</sup>

Esta mensagem de Alegria e de Esperança, vem sendo repetida ao longo dos séculos. No entanto, a humanidade tem dificuldade em entendê-la e praticá-la.

As situações de injustiça, os atropelos aos direitos humanos, as desavenças constantes entre famílias, grupos e países, traduzem-se em guerras e mortandades que ceifam vítimas inocentes e destroem a segurança e o bem-estar dos povos.

Sem referir qualquer dos conflitos existentes em vários continentes Leão XIV, na mensagem de Natal ao Corpo diplomático acreditado no Vaticano, apelou ao diálogo entre os povos, como expressão da Esperança: “torna-se indispensável cuidar do diálogo, promovendo a compreensão mútua e intercultural como sinal de acolhimento, integração e fraternidade.”

Ciente das dificuldades em atingir a paz nos atuais conflitos internacionais, o Papa recordou os apelos veementes de Paulo VI, em 1965, na sede da ONU: “Nunca mais a guerra, nunca mais a guerra! É a paz, a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade!”. E acrescentou: “a paz é o dever que une a humanidade numa busca comum pela justiça”.

Justiça, Solidariedade e Paz, são termos natalícios, já muito vulgarizados, face às

evidentes e clamorosas carências por que passam tantos seres humanos, filhos do mesmo Deus, enquanto outros esbanjam as suas posses em “compras excessivas”.

Leão XIV convida todos a viver o Natal como um tempo de sobriedade e caridade concreta e deixa a proposta: “convidemos para a ceia de Natal uma família pobre ou mesmo apenas uma pessoa sozinha” pois “a pobreza – material e existencial – continua sendo “uma urgência que não pode ser adiada”<sup>15</sup>.

“Se um irmão ou uma irmã não tiver que vestir e lhes faltar o alimento de cada dia, e um de vós disser: “Ide em paz; aquecei-vos bem e sacai-vos” sem lhes dar o necessário para o corpo, de que lhes servem as vossas palavras?” (Tg 2, 14-18) e São Tiago conclui: “A Fé sem obras está completamente morta”.

Importa, pois, refletir:<sup>16</sup>

–No muito ou no pouco que tenho, sou solidário com quem precisa de mim?

–O que tenho a mais que preciso de me desfazer?

–Que tenho feito para construir a paz à minha volta?

–Tenho estendido a mão às pessoas que me ofendem?

–Vou ao encontro das pessoas que sofrem e precisam de uma palavra, de uma visita ou sou indiferente ao sofrimento dos outros?

“O sinal de Natal é tu, quando chamas, reúnas e tentas unir. És também a luz de natal quando iluminas com a tua vida o caminho dos outros com a bondade, a paciência, a alegria e a generosidade.”

Esta mensagem de Natal do Papa Francisco, resume com a simplicidade que lhe reconhecemos, todo o espírito natalício do Menino de Belém que vive connosco para salvar Todos, Todos, Todos.

Feliz Natal!

<sup>13</sup> <https://www.biblegateway.com/passage/?search=Lucas%202%3A1-7%3A30&version=OL>

<sup>14</sup> VaticanoNews.va

<sup>15</sup> Texto da Celebração comunitária da Penitência-Paróquia de São Pedro, Ponta Delgada